

## Apresentação

A produção e divulgação de uma *Edição Temática* a documentar parte dos trabalhos científicos apresentados no Seminário Educação, realizado em 2013 (Semiedu/2013), não é fato inédito. Ela se circunscreve na continuidade de uma tradição que nunca foi abandonada, qual seja brindar os leitores de nossa *Revista de Educação Pública*, articulada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e demais segmentos, como uma devolução de justiça do acontecimento da variegada interlocução empreendida e vivenciada por nós. Justiça à memória das quase três mil pessoas que conviveram conosco cinco dias e meio – e, parece mentira, saíam todas com o coração cortado que o Seminário tivesse terminado! – e aqui entregamos, como um pequeno tira-gosto destes dias, a produção austera que prolongou-se da segunda-feira (09/09/2013) pela manhã, em vários grupos cujas reuniões tiveram finalização no sábado (14/09/2013), também no período matutino. A devolução é como um mimo que se faz revista, a 53ª Revista de Educação Pública (REP), celebrando, em 2013, a 21ª Edição do Semiedu.

Esta revista de número 53, editada em dois fascículos: 53/1 e 53/2, agrega em seu escopo de publicações 18 artigos. Intento este que só foi possível de ser consolidado mediante financiamento direto da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do edital SIPREC. Importa frisar que, os recursos disponibilizados por essa agência de fomento colaboraram substancialmente para compartilhar o supramencionado evento e, ao mesmo tempo, registrar sua memória. Se bem assim, o PPGE e todos nós, organizadores e demais participantes, junto aos nossos leitores, agradecemos essa importante agência de fomento, enfatizando que principalmente eles – os leitores – se beneficiarão do acesso à produção científica oriunda do nosso Semiedu/2013.

Evento configurado como momento de grandeza da comunidade acadêmica que fazendo justiça às grandes mobilizações do povo brasileiro e em sinergia com os desejos de mudança, converge os olhares na direção das grandes lutas dos oprimidos, desaparecidos, refugiados, impossibilitados de mexer sequer um parafuso da grande máquina de opressão do capital e suas corporações, hoje globalizados. O tema foi consensuado ano e meio antes do evento. Não foi por felicidade a confluência entre as mobilizações da sociedade brasileira e o tema do Semiedu. Trata-se da sensibilidade antecipada, quase profética, de tomar da meada o fio condutor do mal estar dos movimentos sociais em face do autoritarismo vigente nas democracias mundiais.

Havia certa estranheza para muitos de que se pudesse fazer um evento com um tema aparentemente pouco conhecido, então: aquele da colonialidade e descolonialidade. Ao mesmo tempo havia uma percepção forte de que ele pudesse agregar pesquisadores, professores, movimentos sociais, academia e a comunidade de modo geral. Por fim, os grupos de pesquisa que coordenavam o Semiedu/2013 – o Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação (GPMSE) e o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) – submeteram o tema a debate, e ficou definido: *Educação e (des)colonialidades dos saberes, práticas e poderes*. Somente aos poucos foi possível definir em eixos que agregariam mesas redondas, debates, convite a conferencistas, que seriam: Eixo 1: *(Des)colonialidades e educação*; Eixo 2: *(Des)colonialidades, Educação popular e movimentos sociais*; e Eixo 3: *(Des)colonialidades e direitos humanos e da Terra*. Não são poucos os grupos de trabalho (GT) do Semiedu. E, conheçam a abrangência temática que forma linhas de pesquisa ativas: Educação a Distância; Educação de Diversidades Culturais; Educação Ambiental, Comunicação e Arte Local; Educação em Ciências; Educação Matemática; Filosofia da Educação; Políticas Educacionais da Educação Básica; História da Educação; Linguagem do Corpo e Educação; Formação de Professores; Movimentos Sociais e Educação; Ensino, Currículo e Organização; Educação e Psicologia; Educação Superior; Relações Raciais e Educação; Educação e Linguagem; Educação Infantil; Educação e Comunicação; Trabalho e Educação; Educação e Povos Indígenas; e Educação do Campo. A abrangência das temáticas destes GT, permite que todos eles apresentem um menu com um gradiente amplo, para interlocução com diferentes pesquisadores da área da Educação. Crescem demandas de duas modalidades educacionais que pleiteiam espaços específicos, a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Especial, sobretudo em face da adoção curricular da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Ora, aqui também há um descompasso das agências financiadoras de nos compreenderem. É que, a possibilidade de estarmos entre os maiores eventos de educação do país, é o fato de orquestrarmos e sincronizarmos nossos eventos de linha de pesquisa, no espaço do Semiedu, de forma que professores de outras universidades que são consultores, assessores, que compartilham projetos nestas linhas de pesquisa, todas elas concentradas na Educação, permitem uma riqueza de trocas de pesquisas, interlocução acadêmica, visitas nas universidades parceiras, e momentos de convivência com nossos pares. Por outro, como negar? Fazemos juntos e dividimos a conta, sai mais barato para cada um!

Diga-se que a REP é uma revista bem avaliada (A2) e um artigo nela publicado terá valor duplo para os professores articulistas, pois será divulgado de forma impressa e em versão digital, acessível internacionalmente. E, esta

edição de número 53, que está em nossas mãos, ou acessível *on line*, expressa, então, uma grande e modesta parte de tudo quanto foi produzido por dezenas de espaços do campus da UFMT, nos quais, conferências, mesas redondas, painéis, comunicações orais nos GT, sessões de pôsteres, círculos de cultura e rodas de conversa, oficinas e Eventos Paralelos. Em 2013 estes eventos se constituíram em um enriquecimento enorme, entre eles, II Simpósio Merleau-Ponty Vivo na (Des)Colonialidade das Práticas, dos Saberes e Poderes; III Ciclo de Debates Movimentos Sociais e Educação. Alterglobalização e Descolonialidade; I Roda de Diálogos sobre a Educação no Araguaia: Caminho de Luta e Resistência; III Mostra de relatos de experiências, na modalidade pôster, de Escolas de Ensino Fundamental Organizadas por Ciclos de Formação Humana – SEDUC/MT; I Copene Centro-Oeste e VII Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira; Coletivo da Terra: Fórum da Terra como Princípio Educativo; II Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos; VII Encontro da Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental (REMTEA); IV Encontro Satélite de Educação Ambiental Escolarizada “Escolas Sustentáveis e Com-Vida em Mato Grosso” (SEDUC-MT).

O Semiedu, na forma como ele se organiza hoje, de enorme complexidade, só se faz possível com grande negociação política, empenho de cada um(a). Ninguém seria louco de inventá-lo em sua diversidade e abrangência! Ele se move por uma feliz inércia: *relação* – palavra chave do que o ser humano é e faz!

O evento de 2013 voltava-se a uma teimosa intencionalidade: um evento aberto. Neste sentido ele se impôs como espaço político a poder ser tomado pelas pessoas, grupos organizados e instituições de maneira geral, em afinação com o objetivo. A ampliação de última hora, também permitiu amargarmos com desistências, nas vésperas: mas fazia parte do jogo. Como funcionou? Uma gestão centralizada ao mínimo e autonomia de cada evento. Outra dimensão: não se dirigia ao pensado como produto final, mas ao processo. E, que a Educação merleaupontyanamente voltasse ao mundo da vida, à experiência corporal, de sensibilidade, de convivialidade. Fomos contemplados com a convergência máxima dos convidados e no máximo dois hotéis. O lugar comum foi também uma conquista para as refeições. O trabalho de jornalismo, realizado pelo *Prof. Dr. Dielcio Moreira*, Equipe de Jornalismo da *TVUniversitária* e o apoio da *ASCOM*, proporcionou entrevistas coletivas, acesso aos jornais periódicos, às redes de TV, como também o registro diário de tudo que foi veiculado na mídia, durante, antes e depois. Os espaços das tendas e corredores estavam voltados à comunicação, informação de sorte que, o espaço “tocasse” as pessoas. Éramos “tocados” o tempo todo, pelas artes plásticas. Houve disponível pintura corporal indígena realizada por indígenas de Barra do Garças, de diferentes etnias; venda de Artefactos,

bonecos; alimentação de produção associada estiveram oferecendo produtos orgânicos, *chips* de Banana da Terra, castanhas de Cumbaru, bebidas locais, sucos, doces; distribuídas sementes crioulas e mudas de plantas gratuitamente aos interessados. Havia exposições no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da UFMT, teatros, corais, orquestra de metais, encenações, *claw*, curtas metragens, apresentação do filme “Raça” de Joel Zito Araújo. Gastronomia, trocas de experiências, entre-ajuda na Tenda de Cuidados Paulo Freire onde, além de proporcionar espaços para debates acerca da educação popular em saúde e das políticas públicas de saúde, havia agentes populares e profissionais que acudiam pessoas através do *Shiatzu*, *Reiki*, homeopatia popular, fitoterapia, massoterapia e colaboração carinhosa de benzedeadas e benzedores, trazendo a cultura popular do calor e do toque, em sua face de acolhimento, mostrando que a saúde excede em muito a tecnologia e medicalização da vida: para isso é preciso educação na contramão das agências oficiais e dos meios de comunicação de massa, dado que talvez não exista nenhum âmbito no qual o opressor nos hospeda de maneira mais perversa, do que lá onde nossa vida está ameaçada.

Buscamos, ainda, abrir a Universidade por exigência ética à cidade e ao campo. O Coletivo da Terra foi o primeiro grupo a saber das possibilidades de se fazerem presentes. A palavra de ordem nossa era que a Universidade é pública e de todos e todas. Tratava-se também de diluir certos muros “de outras” Berlins que, em pé, naturalizaram *apartheids*, privatizavam acesso e sequestravam direitos. Buscou-se que os grupos populares, junto ao Coletivo da Terra, retomassem as raízes da nossa guaranidade, expressa em uma abertura do evento capaz de harmonizar o espaço e as pessoas, antes mesmo de qualquer atividade posterior. Assim foi feito. Professores e alunos quilombolas, das escolas indígenas compartilhados por várias etnias, dos assentamentos dos Trabalhadores Sem Terra e Via Campesina, abriram o evento com uma mística da abertura esfuziante que não pode ser esquecida. A aparente laicidade das academias também tem se transformado em um fundamentalismo religioso que cultiva a divinização dos intelectuais, com a perda da humanidade de todos e todas, também dos deificados. Não havia hiato entre as formas de expressão, mobilização, de festejos e amorosidades, e o trabalho atencioso e árduo dos pesquisadores ouvidos de forma qualificada. Uma pitadinha da força de vida que toma nosso país tomou nossa Universidade, não tínhamos patrulhas de chamamento à ordem: eram desnecessárias, todo ser humano é, por instinto, educador; salvo quando colonizado pela civilização indo-europeia. Lá, na convivialidade se fazia uma descolonialidade de fato, diversidade ideológico-política, étnica, foi costurada tolerância entre as divergências e espaço de negociação; quebravam-se as lógicas normalizadas que assimilam pessoas

para a linha de montagem de fábrica, diminuíram os não-lugares, em geral, reservados aos condenados da terra e à vida nua. Enfim, uma variedade de sons e silêncios; de imagens e vazios; de corpos e espíritos; e de tantas outras expressões que bailaram nos vários espaços da UFMT: respirávamos uma cartografia da descolonialidade. Havia um clima diverso em todos os espaços, celebração das saudades e de encontros e reencontros, criação compartilhada, carinho, mobilização, ensino-aprendizagem, amorosidade e ritmo de êxtase! Um testemunho disse: “este Semiedu foi feito: com amor, com coração, útero e mente, banhado na emoção, sinal de que são PESSOAS que estavam ali. [...] Envio esta mensagem para algumas/alguns dos que tenho, sabendo que muitas outras mentes e corações (e pés, e braços, e costas) estiveram envolvidos. Através de vocês faço chegar minha alegria pelo grande feito. Grande, pois criou espaços para que fatos, reflexões, experiências, propostas, buscas, sonhos... fossem partilhados e celebrados.”

Entre esses reencontros lá estiveram pessoas que há mais de trinta anos não se encontravam, e tiveram, quando jovens, uma das mais ousadas experiências de educação em Mato Grosso, o Grupo Escolar do Araguaia (GEA), desafiando a ordem da prepotência de ditadura. Todos que lá estiveram polvilham até hoje, com o corpo molhado de história, como diria Paulo Freire, e ainda hoje estão comprometidos através do ato indissociado de aprender ensinando e ensinar aprendendo, responder ao povo do Araguaia, nas lutas de todos os outros oprimidos. Pessoas que estiveram presentes em uma história em comum que ainda hoje “se quer passar a limpo”. O evento do Araguaia foi possível pelo esforço de cada qual, e uma ajuda importante do Projeto Memória Viva. Um filme recentemente editado é parte da memória do Semiedu/2013. Como balanço final, o misto de raiva necessária, temperada com a beleza de mãos dadas com a decência, temperou o evento com a presença viva de Paulo Freire e sua pedagogia, salientando o protagonismo dos Movimentos Sociais Populares no papel de sujeitos de sua própria educação, encarnados em diferentes peles, etnias, e em todas as barricadas nas quais já se celebra o dia em que a Justiça será servida, antes da sobremesa, como sugere o poeta amazonense Thiago de Mello.

O Semiedu traz marcas de uma história singular que sempre o engrandece. História, pouco compreendida, também, pelas agências financiadoras. Ele conserva de maneira permanente algo inédito, seu poder de agregar e congregar. *Agrega* eventos diferenciados no interior de um único e mesmo evento; *congrega* pela diversidade temática em face de uma interculturalidade inscrita nos corpos dos atores que habitam essa região, de sorte que, cientistas e pesquisadores que aqui vêm, percebem também em si, uma misteriosa paixão por Cuiabá. O Semiedu tem muito de suor, pesquisa, biblioteca, investigação rigorosa, mas

não é um evento restrito a intelectuais. Permite uma transdisciplinaridade que começa nas ruas, e toma os corredores. Adensa de maneira muito própria o conhecimento decente, e universaliza a produção acadêmica gerada em conexão calorosa com o mundo da vida. É verdade que se possa falar da periferia: É para a vida que aprendemos! E é, essa produção concentrada, calorosa que emerge, a qual abre perspectivas inauditas, fascina e toma corpo em todos e todas que aqui chegam e compartilham o caminho de sua vocação primal, cujo mistério se divide em dois segredos. A primeira, sentida a primeira vista, por dois grandes sinais diacríticos: a população ibero-afro-indígena desta terra não a tem como se fora coisa pra guardar e esconder. As pessoas são recebidas efusivamente como se sempre fizessem parte deste universo. Segundo, a música e dança cuiabana mostram uma alegria completamente embriagante e telúrica: buscam expressão de profundidade vívida na qual as pessoas estão dentro de sua própria sombra, e não à sua periferia. O pesquisador que vem ao Semiedu, quer sempre de novo voltar. Sente, mas talvez não saiba expressar o que ocorre, percebe uma emoção, e uma repercussão molecular energizante no ar, quando pisa nosso território. O que eles elas talvez não saibam é que esta terra já lhes pertence na origem primal como casa de todos e todas. Nosso chão guarda o mistério de que pés tão diferentes, recém chegados aqui, se irmanam; pois, o que se passa no coração de uma pessoa, diz respeito ao seu corpo todo. Aqui é o coração da grande pátria latino-americana, o coração de todos nós está plantado e pulsa no coração da Chapada dos Guimarães, há menos de setenta quilômetros daqui, marco geodésico da América Latina. Permite celebrar jungianamente a memória ancestral de nosso destino comum. Não é difícil e é prazeroso fazer uma ciência decente com compromisso transformador e emancipatório, onde somos legião. Fazer, pois, de cada evento, uma celebração alegre e festiva por nossa comunhão com as raízes afro-ibero-ameríndia, dançando cirandas circundadas pelos três grandes ecossistemas: Pantanal, Cerrado, Amazônia, não é pesado, deusas e deuses torcem por nós, de graça. Se junta, à ciência comprometida, o sentimento de estar de volta em casa, a beleza dos adereços, pujança da paisagem, e a diversidade do aconchego das pessoas, com a riqueza da alimentação que contribui para uma convivialidade para a democracia que antecipa em nós, o que todos e todas buscamos.

O *Blog Semiedu2013* teve o papel pedagógico de se ter tornado um grande portal e manancial que antecipou os debates sobre o tema colonialidade e descolonialidade, perpassando livros, poesias, *ebooks*, vídeos, filmes; fotografias contemporâneas e antiquíssimas; grafites, pinturas, *charges*, com suor e paixão de Michèle Sato e das doutoras Regina Silva e Michele Jaber; dos doutorandos Lúcia Shiguemi e Ivan Belém e da ajuda da bolsista Sílvia Neves e de Simone Monteiro.

Um grande balanço nos permite afirmar que grande parte do objetivo foi alcançado e ainda carrega desdobramentos importantes, de que o Semiedu/2013 começasse antes, e não findasse no último dia. O intuito principal do tema era debater o contexto de globalização das formas culturais, e da hegemonia de grandes corporações que englobam um processo comunicativo em favor de seus interesses, divulgando uma realidade por vezes fictícia e imaginada, que gera a circulação de valores voltados para a concorrência, para o individualismo, para o intimismo, para a colonização das pessoas, sociedades e grupos sociais, cerceando a visibilidade de processos humanizadores que fundam as relações que geram participação social, sentido crítico, acompanhamento político. A temática queria estimular o debate de uma educação voltada à liberdade, à cidadania e à felicidade de todos e todas tanto em âmbito pessoal quanto coletivo, mediante o acesso de bens materiais e simbólicos necessários, que permitam o desenvolvimento da autonomia, emancipação das pessoas, dos grupos étnicos, do sentimento de nacionalidade gerando esperança, solidariedade, sentido de luta, organização e cidadania. Não há educação sem cidadania ativa, ela é uma ação política voltada às nossas localidades sem perder nossa referência particular e planetária.

O *Blog* continuará disponível no *site* original. Em pouco tempo estarão disponíveis todos os trabalhos apresentados, solicitamos desde já apoio, para corrigir imprecisões. E no mesmo *Blog* estarão mídias, fotos, algumas conferências disponibilizadas.

Vejamos agora os artigos disponibilizados na Revista de Educação Pública, na edição de número 53, em seu primeiro fascículo.

O professor Alípio Dias Casali (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP) contribui com um ensaio crítico, *reconhecendo tradições culturais, míticas, religiosas e políticas* geradoras de conceitos diferenciados de Direitos Humanos até 1948. A partir deste marco, dialoga com Boaventura de Souza Santos propondo critérios hauridos dos saberes e práticas educacionais em vista da superação dos colonialismos para efetivar e ampliar os Direitos Humanos na História.

Da Suíça, o professor José Marin (Universidade de Genebra) denuncia a *violência da colonização europeia* embasada em dominação cultural, social, econômica e política não respeitando a biodiversidade e a diversidade cultural, referências reais e simbólicas dos contextos locais. Tal colonização implantou um saber que se pretendia universal com vistas à expropriação dos povos nativos. Pondera, o autor, que o desafio atual para a educação é partir de cada realidade, com base na revalorização das línguas e culturas locais e adaptação de suas possibilidades ao contexto global.

O professor Adão José Peixoto (Universidade Federal de Goiás - UFG) apresenta um estudo sobre *razão, corpo, existência e formação no pensamento de Merleau-Ponty* mediante o qual aponta para um grande desafio: o de romper com os dualismos que dicotomizam a compreensão sobre o ser humano o qual é *ser de totalidade*. O ponto de partida sugerido partiria de uma razão encarnada no mundo da vida (*Lebenswelt*) a romper com a concepção de razão instrumental. Desta perspectiva infere-se contribuições axiais para a descolonialidade do fazer pedagógico.

A tese do professor Jovino Pizzi (Universidade Federal de Pelotas - UFPEL) capta a *paralisia da pedagogia afro-ibérica latino-americana* que carecerá de uma crítica rigorosa aos seus fundamentos advindos do Platonismo e Neoplatonismo a invisibilizar a vida cotidiana e suas circunstâncias. Vigê uma cultura perversa com registros antropocentros que produziram modelos de cidades, monumentos, ritos e construções justificadoras de ideologias. É preciso que o mundo da vida, seja ele humano ou não humano, apareça como coautor de um projeto emancipatório.

Historiciando perspectivas epistemológico-políticas oriundas da Constituição Federal de 1988 a qual procurou *suplantar o paradigma da negação dos povos indígenas propondo reconhecimentos diferenciados à identidade, subjetividade, comunidade, sociedade, territorialidade e autodeterminação*, o professor Fernando Antônio de Carvalho Dantas (UFG) constata que existe hoje, uma nova cidadania descolonizada, ativa e criativa que toma corpo das pessoas indígenas, cujo reconhecimento constitucional inspira modos de ser, fazer e viver a expressarem uma cultura dos direitos coletivos.

O professor Cleomar Ferreira Gomes (Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT) busca *interpretar os gêneros literários e sua conjunção com a ludicidade como ferramenta pedagógica*. Inspirado em teóricos do brinquedo, jogo e brincadeira recorre a Benjamin, Châteaueu, Huizinga, Brougère, Sutton-Smith, Manson, Jones e Gomes, entre outros. Testado em professores e crianças da educação básica, o método, experienciado por meio de *workshops*, foi avaliado satisfatoriamente com retorno de sensações positivas e aprendizagens via atividades lúdicas a servirem de apoio às atividades pedagógicas nos espaços educacionais.

Explorando algumas articulações entre Antropologia e Educação, perspectivadas em inspirações retiradas do ensaio de Merleau-Ponty intitulado *De Mauss a Claude Lévi-Strauss*, o professor antropólogo Levi Marques Pereira busca conexões e interfaces entre o campo educativo e o antropológico. A partir da abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty, remete a noções como as de *identidade, corpo e pessoa, cultura e natureza*. A ideia é propor algumas

implicações para pensar os regimes de *saberes kaiowá e guarani*, o que pode ser útil para melhor entender as consequências e os modos de apropriação dos programas institucionais de escolarização, implantados desde suas comunidades.

*Dimensão pedagógica da verticalidade coletiva dos folguedos percebida na dinâmica lúdica procissional* é o ensaio resultante da pesquisa do professor Celso Luiz Prudente (UFMT). Defesa e proteção são estruturantes na linguagem da escola de samba, concorrendo ao comportamento coreográfico, de resistência. O cinema negro constitui afirmação da imagem positiva da africanidade. Fenômeno que sugere sintaxe na alegoria carnavalesca de dimensão pedagógica. Demandas percebidas na perspectiva de diálogo com Merleau-Ponty, mostrando que a razão do outro em Ponty é austeridade do cinema negro.

Idosos, lideranças indígenas, antropólogos e familiares participaram, junto às crianças indígenas Kaiowá e Guarani, deste estudo, realizado em aldeias da região da Grande Dourados-MS acerca das representações sociais da *deficiência na cultura Guarani e Kaiowá*. Pesquisa realizada pelas professoras Marilda Moraes Garcia Bruno e Vânia Pereira da Silva Souza que, ancoradas nos Estudos Culturais, buscam compreender relações, significados, atitudes e crenças acerca do fenômeno deficiência. O estudo mostra a busca pelo diálogo intercultural que possa favorecer melhores condições de desenvolvimento e sobrevivência da criança indígena com deficiência.

Desejamos a todos os leitores e leitoras que possam usufruir deste trabalho com a mesma direção que ele desejou empreender seus esforços, em assumir como tarefa de nossa profissão o compromisso com a descolonização em nós e em todas as pessoas, a expulsão do opressor e do colonizador dentro de nós, para realizarmos a necessária despossessão cujo fenômeno cultural, cuja persistência temporal duram um tempo muito maior do que a simples deposição ou expulsão daqueles que materialmente nos oprimem.

*Prof. Dr. Luiz Augusto Passos (GPMSE)– Coordenador Geral do Semiedu/2013*

*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michèle Sato (GPEA)– Coordenadora Geral do Semiedu/2013*

*Prof. Dr. Celso Luiz Prudente (GPMSE)–Auxílio na escritura deste texto.*